



SEÇÃO: TEMÁTICA LIVRE

A história de Eduardo Perié: considerações e aproximações sobre a literatura brasileira no século XIX

The history of Eduardo Perié: considerations and approaches about Brazilian Literature in the 19th century

La historia de Eduardo Perié: consideraciones y acercamientos en torno a la literatura brasileña en el siglo XIX

Maria Eunice Moreira¹

orcid.org/0000-0003-1019-8519
maria.eunice@pucrs.br

Recebido em: 27 nov. 2019.

Aprovado em: 25 mai. 2020.

Publicado em: 11 Set. 2020.

Resumo: Em 1885, Eduardo Perié publicou, pela Casa Editora Eduardo Perié, de Buenos Aires, a obra *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*, subtitulada "Esboço histórico seguido de uma bibliografia e trechos dos poetas e prosadores daquele período que fundaram no Brasil a cultura da língua portuguesa", como o primeiro volume da Coleção "Biblioteca Luso-Brasileira". Segundo o historiador, três fatores são constitutivos da literatura no País: a literatura portuguesa, rica em perfeição, estilo e harmonia; as lendas e a poesia indiana; o elemento africano. Com essa perspectiva, aborda a literatura produzida no Brasil, desde os tempos coloniais até a sua contemporaneidade, ampliando o compromisso de analisar apenas literatura colonial. Obra pouco conhecida no Brasil e raramente citada entre os historiadores da literatura brasileira, o seu autor também é nome desconhecido na historiografia, merecendo, portanto, maiores indagações sobre seu estudo original e peculiar a respeito da literatura brasileira, especialmente do momento por que passa o País: quando Perié publica o seu alentado estudo de mais de quatrocentas páginas, o Brasil vive os tempos anteriores à República, que seria instaurada quatro anos mais tarde. Questões de ordem literária e política parecem se associar e precisam ser mais investigadas para definir o lugar que ocupa essa história da literatura brasileira em tempos coloniais (e nem tão coloniais).

Palavras-chave: História da literatura. Eduardo Perié. Século XIX. Brasil. Argentina.

Abstract: In 1885, Eduardo Perié published, through Buenos Aires-based company Casa Editora Eduardo Perié, the book *Brazilian Literature in Colonial Times - from 16th to 19th Century*, subtitled "Historical draft followed by bibliography and excerpts from poets and prose writers from this period, who founded the culture of Portuguese language in Brazil", as the first volume in the collection "Luso-Brazilian Library". According to the author, this work is the result of his observations in the country and was written following a request by his friend Félix Ferreira, who not only proposed the project initially, but helped gathering the necessary materials for its realization, writing notes and some parts of the book. According to the historian, there are three factors that establish literature in Brazil: Portuguese literature, rich in perfection, style and harmony; legends and indian poetry; and the african element. Following this perspective, he focuses on literature produced in Brazil, since colonial times until present days, broadening the commitment to analyse only colonial literature. This is a little known work in Brazil, rarely cited among Brazilian History scholars. The author is also unknown in the field of historiography, deserving, therefore, further explorations of his original and peculiar view on Brazilian literature, especially considering the moment the country was going through: when Perié published his four hundred-page study, the Brazilian Republic was about to be established four years later. Matters of political and literary nature seem to dialogue here, and need to be further investigated to define the place this History of Brazilian Literature occupies in colonial times (not that colonial anymore).

Keywords: Literary history. Eduardo Perié. 19th Century. Brazil. Argentine.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumen: En 1885 Eduardo Perié publicó en portugués y en la Casa Editora Eduardo Perié, de Buenos Aires, la obra *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*, que subtítulo "Esboço histórico seguido de una bibliografía e trechos dos poetas e prosadores daquele período que fundaram no Brasil a cultura da língua portuguesa". Se prometía como el volumen primero de la Colección "Biblioteca Luso-Brasileira". Tres factores, a juicio del historiador, constituyen la literatura brasileña: la influencia de las letras portuguesas, ricas en perfección, estilo y armonía; las leyendas y la poesía indias; el elemento africano. Con esa triple perspectiva Perié aborda la literatura producida en Brasil, desde los tiempos coloniales hasta su contemporaneidad, superando el compromiso inicial. Obra poco conocida en Brasil y raramente citada por los historiadores y críticos de la literatura brasileña, su autor es también un completo ignorado. Su labor, por lo tanto, requiere de mayores indagaciones tomando en cuenta su perspectiva original respecto de la literatura brasileña, especialmente por el momento en que pasaba el país ya que, cuando Perié publicó su estudio más de cuatrocientas páginas, Brasil se encontraba en los prolegómenos de la República, que llegaría cuatro años después. Cuestiones de orden literaria y política parecen asociarse y necesitan de una mayor investigación para definir el lugar de esta historia de la literatura brasileña en tiempos coloniales, y no tanto.

Palabras-clave: Historia de la literatura. Eduardo Perié. Siglo XIX. Brasil. Argentina.

Considerações iniciais

Em 1885, nos anos finais do Império brasileiro – a República seria proclamada em 1889 – foi publicada a obra *A literatura brasileira nos tempos coloniais – do século XVI ao começo do XIX*, subtitulada "Esboço histórico seguido de uma bibliografía e trechos dos poetas e prosadores daquele período que fundaram no Brasil a cultura da língua portuguesa", de autoria de Eduardo Perié², um estudioso cujo nome permanece até hoje praticamente desconhecido. As informações

que dele se têm são as constantes na seção "Ao leitor", uma espécie de introdução à obra sobre a literatura do Brasil e que pouco revelam sobre o homem e sobre a edição dessa história. Deduz-se que Perié era estrangeiro, pela referência que faz ao bom acolhimento que recebeu desde que pisou as terras do Brasil, mas nada informa sobre a editora de Buenos Aires, denominada casa editora Eduardo Perié, sendo, portanto, ele próprio o responsável pela editora que publicou o texto.³ Segundo consta, a editora tinha sua sede na rua Alsina, n.º 29, provavelmente o domicílio do autor.⁴

O livro, assim apresentado, não causaria nenhuma espécie e estaria ao lado de outras publicações congêneres, escritas por estrangeiros que, desde os primeiros anos do século XIX registraram autores e obras produzidos na então colônia portuguesa. Nessa linha, enquadra-se o alemão Friedrich Bouterwek,⁵ que publicou em 1805 a *História da poesia e eloquência portuguesa*, sobre a literatura portuguesa e espanhola, escrita para uma grande coleção intitulada "História completa das ciências, das artes e das letras", desde o seu renascimento na Europa moderna; o suíço Simonde de Sismondi⁶ que, em 1813, escreveu *De la littérature du midi de l'Europe*, audacioso projeto cujo último volume é dedicado à literatura portuguesa e nela inscreveu os autores da ilha da Madeira e do Brasil, além de Almeida Garrett e Ferdinand Denis, cuja obras saíram em 1826, apresentando visões diferenciadas do processo literário brasileiro. No *Parnaso lusitano*, uma seleção de poesias dos autores antigos e modernos,

² Há referências esparsas sobre *A literatura brasileira nos tempos coloniais – do século XVI ao começo do XIX* em algumas histórias da literatura nacionais, mas nenhuma traz esclarecimentos sobre a vida e obra desse historiador, limitando-se a registrar a publicação de sua obra em Buenos Aires.

³ Uma consulta à *Estante Virtual*, site de livros novos e usados, muito conhecido no Brasil, nele constam para comercialização outras obras editadas pela Casa Editora Eduardo Perié, todas publicadas em Português e no mesmo ano, ou seja, em 1884: *Quadros da natureza*, de Alexandre von Humboldt; *Tragédias da história*, de Emilio Castelar; *O rei das campinas: viagens e aventuras*, de Luciano Biart; *A hesitabilidade dos astros – os monstros invisíveis*, de José Moreno Fuentes; *A América contemporânea*, de Emile Jonveaux, sendo esses dois últimos integrantes da Biblioteca Luso-Brasileira. Disponível em: www.estantevirtual.com.br. Acesso em: 2 maio 2017.

⁴ Essa informação foi fornecida pelo Professor Pablo Rocca, a quem também agradeço sugestões para a construção deste texto.

⁵ Friedrich Bouterwek (Alemanha, 1765-1828), erudito alemão, professor de filosofia na Universidade de Goettingen, foi o precursor da historiografia literária brasileira.

⁶ Jean Charles Léonard Simonde de Sismondi (Suíça, 1773-1882), foi economista e integrante do círculo cultural de Madame de Staël. Sua posição sobre as literaturas do Norte e do Sul é ponto fundamental de sua obra.

o português Almeida Garrett⁷ precedeu o volume com o "Boquejo da história da poesia e língua portuguesa", nele citando autores nascidos no Brasil como integrantes do patrimônio lusitano. Já o francês Ferdinand Denis⁸, escreveu o *Resumo da história literária de Portugal*, a que acrescentou um Resumo da história literária do Brasil, estimulou os brasileiros a declarar sua autonomia poética e ofereceu sugestões para os escritores que desejassem criar uma literatura nacional com criações originais. Com essa perspectiva autonomista, o livro de Denis distancia-se da avaliação de Garrett e estimula a geração romântica a explorar as particularidades da terra, da história e seus povos formadores como temas para constituição de uma literatura original, consoante com os novos tempos vividos pelo país.

Alguns anos mais tarde, ou seja, em 1863, o Brasil conheceria o trabalho de outro estrangeiro, o austriaco Ferdinand Wolf, que publicou *O Brasil literário*, o empreendimento mais completo sobre a literatura do Brasil e que precedeu, inclusive, as iniciativas historiográficas dos próprios brasileiros. Quando vem a público a obra de Ferdinand Wolf, o brasileiro Joaquim Norberto de Sousa Silva dedicava-se à escrita de uma obra sobre a história da literatura brasileira, audacioso projeto em vários volumes. O livro de Wolf teria desestimulado o historiador nacional, que não concluiu o empreendimento, dele deixando apenas capítulos esparsos publicados na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro.

Quando Eduardo Perié lança seu livro, não se pode deixar de observar algumas particularidades que rodeiam sua edição. Para além das consi-

derações sobre sua obra, é interessante atentar para o motivo pelo qual observadores de outros espaços – até mesmo de lugares situados muito distantes do Brasil – tiveram interesse pela história literária do País e por que motivo isso aconteceu. Eduardo Perié, um estrangeiro de nacionalidade desconhecida, escreve em língua portuguesa uma história da literatura brasileira, publica-a em Buenos Aires pela Casa Editora Eduardo Perié e menciona, no texto dirigido "Ao leitor", introdutório à obra, que se trata de um trabalho "proêmio dos que com mais tempo e mais estudos [se] propõe a publicar a respeito do Brasil".⁹ Vivendo por um período nesse país, conforme sua referência neste mesmo texto, Perié também acrescenta outros dados que colaboram para particularizar a obra: a história da literatura que apresenta constitui um volume da coleção "Biblioteca Luso-Brasileira", "cuja primeira série completa este primeiro volume",¹⁰ conforme esclarece. Pelo projeto, o autor pretendia escrever outras obras sobre o Brasil e os brasileiros, tarefa a que se dedicaria com afinco, buscando dados precisos para escrever com pleno conhecimento de causa.

As advertências de Perié têm sentido: segundo ele, o livro que lança em 1885 é resultado de suas observações sobre o País e, mais que isso, seu lançamento se deve ao pedido de seu amigo brasileiro Félix Ferreira, que não só propusera o empreendimento, como o auxiliara na reunião do material necessário para sua realização, escrevendo notas, indicações e algumas partes da obra. Não é sem motivo, portanto, que o livro é dedicado ao amigo, a quem Perié reconhece como seu Me-

⁷ GARRETT, Almeida. *Parnaso lusitano*, ou Poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos, ilustradas com notas, em 1826. Nessa obra, incluiu um "Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa", no qual menciona autores nascidos no Brasil como integrantes do patrimônio literário de Portugal. João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854) foi diplomata e um dos mais importantes escritores portugueses, é considerado o introdutor do Romantismo em Portugal. *O Parnaso lusitano* serviu de modelo às subsequentes antologias organizadas no Brasil pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa e por J. M. Pereira da Silva e, nele, Garrett mantém a unidade entre a literatura portuguesa e a brasileira, motivo pelo qual é criticado pelos românticos brasileiros, que preconizavam a autonomia da literatura nacional brasileira. Embora seguindo o modelo da antologia de Garrett, procuravam os românticos nacionalistas, através da publicação de antologias com poetas nacionais, comprovar a distinção entre os dois patrimônios literários: o europeu e o nativo. GARRETT, Almeida. *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*. In: *Parnaso lusitano*, ou Poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos, ilustradas com notas. Paris: Aillaud, 1826.

⁸ Jean Ferdinand Denis (França, 1798-1890) veio ao Brasil, viveu no País por alguns anos, inclusive entre a tribo dos Machakalis. Em seu retorno à França, tornou-se um divulgador do país americano. Foi diretor da Biblioteca Santa Genoveva, em Paris.

⁹ PERIÉ, Eduardo. *Ao leitor*. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 7.

¹⁰ PERIÉ, Eduardo. *Ao leitor*. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 8.

cenar brasileiro, "consagrando-lhe estas páginas despretensiosamente escritas numa roça".¹¹

1 O livro de Perié

A *literatura brasileira nos tempos coloniais* constitui um alentado livro de quatrocentos e trinta páginas, dividido em sete capítulos que, com exceção do primeiro, intitulado "Esboço histórico", identificam-se apenas por algarismos romanos, mas permitem identificar os temas que orientam cada seção. Os três primeiros capítulos constituem a introdução teórica e abordam questões relacionadas à língua portuguesa e à formação da literatura portuguesa das origens ao século XVI. Os capítulos seguintes, ou seja, do número quatro ao sétimo, dedicam-se ao desenvolvimento histórico da literatura brasileira, apresentando uma divisão por séculos: séculos XVI-XVII ocupam o capítulo IV; a segunda metade do século XVIII encontra-se nos capítulos V e VI, e as primeiras décadas do século XIX encontram-se no capítulo VII. A parte final do volume, intitulada "Ensaio bibliográfico da literatura brasileira nos tempos coloniais", é composta por vinte e nove ensaios de autores do Brasil, num rol que inclui historiadores, dicionaristas e poetas¹².

O título do primeiro capítulo indicia a direção que o historiador pretende imprimir a sua história, associando as manifestações literárias às condições socioculturais da nação portuguesa. Por essa razão, a trajetória da formação do império português é retomada, nesse capítulo, visando à recuperação dos fatos que deram origem a Portugal, nas suas múltiplas e difíceis relações com a Espanha. Após delinear o processo de constituição da nação portuguesa, localizando-o nos meados do século XII, Perié focaliza o nascimento da língua e literatura portuguesas, entremeando seu texto com estrofes do cancionero português, o que comprova a tendência, já mencionada, de

contextualizar a vida literária em suas raízes socioculturais. O plano traçado desde as primeiras páginas é concluído ao final do capítulo, quando o encerra com a afirmativa de que Portugal, ao final do século XVI, vivenciava o auge de sua nacionalidade literária e linguística, momento em que Cabral atinge a Terra de Santa Cruz.

Antes de entrar no tema particular de seu livro, o desenvolvimento da história da literatura brasileira, Perié dedica o segundo capítulo para discutir as condições culturais e étnicas de formação da literatura brasileira. Do ponto de vista cultural, opõe-se a Ferdinand Wolf que acusou os brasileiros de meros imitadores dos portugueses e espanhóis. Para ele, os nacionais não poderiam manifestar uma cultura superior à da mãe-pátria, porque os primeiros escritores seguiram as escolas de Coimbra e Salamanca, responsáveis por sua formação. Embora essa influência seja visível nos anos iniciais do Império, Perié conclui que agora o Brasil já apresenta condições diferenciadas, resultantes dos elementos raciais formadores da nação. Por isso, julga procedente estudar, ainda que sumariamente, os elementos embrionários que influenciaram a sua formação.

Segundo o historiador, três fatores são constitutivos da literatura no País: a literatura portuguesa, rica em perfeição, estilo e harmonia; as lendas e a poesia indiana; o elemento africano. Ao situar os elementos constitutivos da manifestação literária, nas três raças que formam o Brasil, Perié ajusta-se aos princípios cientificistas do momento em que vive, comprovando a atualidade de seu pensamento e a sintonia de suas proposições às idéias em voga. A aceitação desses princípios leva-o, mais uma vez, a contrariar Wolf e a incluir Varnhagen em suas críticas, opondo-se a eles em dois pontos fundamentais: pela acusação de imitadores da literatura portuguesa, atribuída aos primeiros escritores brasi-

¹¹ PERIÉ, Eduardo. A Félix Ferreira. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais – do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 5.

¹² Os autores mencionados são os seguintes, em ordem alfabética, e não de aparecimento na obra: Alexandre Rodrigues Ferreira, Alexandre de Gusmão, Antônio de Moraes Silva, Antônio de Sá, Antônio de Santa Maria Jaboatão, Antônio José da Silva, Antônio Pereira de Sousa Caldas, Antônio Vieira, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, Bento Teixeira, Cláudio Manuel da Costa, Eusébio de Matos, Fernão Cardim, Francisco de Sousa, Gabriel Soares de Sousa, Gaspar da Madre de Deus, Gregório de Matos, João Mendes da Silva, José de Anchieta, José Mariano da Conceição Veloso, Manuel Botelho de Oliveira, Manuel de Macedo, Manuel de Moraes, Manuel de Santa Maria Itaparica, Nuno Marques Pereira, Pero de Magalhães Gandavo, Pero Lopes de Sousa, Sebastião da Rocha Pita e Tomás Antônio Gonzaga.

leiros, e pelo não reconhecimento de produção poética entre os silvícolas. Por essa razão, os seus elogios voltam-se aos trabalhos indigenistas de Joaquim Norberto de Sousa Silva e Gonçalves Dias, reatualizando um tema da crítica romântica relativo à manifestação artística dos silvícolas. Dentro dessa perspectiva, é justo que eleja José de Alencar "o mais fecundo e mais original dos romancistas brasileiros",¹³ ainda que conceda destaques a Joaquim Manuel de Macedo, escritor imaginoso, e Manuel Antônio de Almeida, que, com um só romance, pode ser considerado um dos fundadores do romance brasileiro.

Distanciando-se do objeto de estudo a que se propôs, ou seja, a história da literatura colonial, Perié parece querer demonstrar seu interesse pelos problemas atuais do processo literário nacional, enfocando temas, autores e críticos quase seus contemporâneos. A situação é retomada na abertura do quarto capítulo, quando volta a tecer críticas aos historiadores precedentes – Cônego Januário da Cunha Barbosa¹⁴, Pereira da Silva¹⁵ e, novamente Varnhagen e Wolf – pelo descuido com que trataram o patrimônio cultural indígena e pela desconsideração no tratamento da influência popular na composição da poesia culta. As objeções têm direção certa: Perié apresenta José de Anchieta como o primeiro autor de poesia e teatro no Brasil, a que se segue, por ordem cronológica, o autor de *Prosopopéia*, Bento Teixeira (segundo ele, Bento Teixeira Pinto), como objetivamente registra: "Bento Teixeira Pinto será reconhecido, e sem favor, na ordem cronológica como o segundo escritor brasileiro, considerado como deve ser o Padre Anchieta o primeiro".¹⁶ O elenco de autores é ampliado com Magalhães Gandavo, Gabriel Soares, no século XVI; Padre

Antônio Vieira, no século XVII, cuja presença é motivo, mais uma vez, para a crítica de Perié, agora sobre Fernandes Pinheiro, que não citou Vieira em sua obra, por esse ser natural de Lisboa; Tomás Antônio Gonzaga, no século XVIII.

A linha com que o autor conduz sua história da literatura passa pelo índio e pela contribuição popular. Ao tratar da presença do elemento popular, menciona *A nau Catarineta*, reproduzindo trechos das versões sergipana e gaúcha, e chamando a atenção para outro elemento descartado por Varnhagen: as modinhas, que, segundo ele, constituem depositários de expressões indígenas e africanas, comprovadoras da modificação da língua portuguesa em solo brasileiro. Dentro da perspectiva nacionalista, Perié procura signos caracterizadores da poesia brasileira, rastreando o acervo popular e indígena em busca desses elementos. Por essa razão, é fácil compreender também por que, nas páginas seguintes, voltará a atacar os historiadores que acusaram o caráter imitador da literatura brasileira:

Semelhante imitação não existe tão sensivelmente como se afigurou a Garrett e Wolf, pois ambos desconhecera a poesia popular brasileira, guiando-se unicamente pelo que leram, e justamente o que havia impresso e lhes chegara às mãos foram os poetas arcádicos, os clássicos que tudo imitavam, e seguiam as escolas dominantes.¹⁷

A exigência de que a literatura brasileira distancie-se da europeia, acentuando seu caráter particular e original, leva o historiador a concluir o terceiro capítulo a registrar a produção poética dos gaúchos, que, situados ao sul do País, vivendo na imensidão do pampa, expressam as suas diferenciações culturais na poesia e nos contos, o que permite a identificação de sua região.

¹³ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 72.

¹⁴ BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro*, ou Coleção das melhores poesias do Brasil, tanto inéditas como já impressas. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Nacional, 1829-1831, 2 v. Januário da Cunha Barbosa (1780-1846) foi presbítero, professor, jornalista, editor e conquistou em 1824 o lugar de Cônego na Capela Real. Entre 1829 e 1831 organizou e editou o *Parnaso brasileiro* inspirado pelo *Parnaso lusitano* de Almeida Garrett.

¹⁵ SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro* ou Seleção de poesia dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843-1848, 2 v. João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) foi político, jornalista e historiador, autor de *Os varões ilustres do Brasil em tempos coloniais* (1858) e *História da fundação do Império do Brasil*, em sete volumes, publicada entre 1864 e 1868.

¹⁶ PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 88.

¹⁷ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 102.

No capítulo quarto, Perié retoma o fio de sua história, voltando ao período colonial para apresentar a produção dos brasileiros durante os séculos XVI e XVII. No século XVI, registra a contribuição dos primeiros cronistas da colônia – Caminha, Gandavo, Cardim, Pero Lopes, mas a sua preferência recai sobre Gabriel Soares, em virtude de haver escrito o seu trabalho ainda no primeiro século da história brasileira. Papel preponderante, contudo, é reservado ao Padre Antônio Vieira, na passagem do século XVI ao XVII, “digno de dar nome a um século”¹⁸, segundo a sua opinião, por dois motivos principais: pela participação nos negócios públicos brasileiros e na defesa da liberdade dos indígenas. Perié coloca em segundo plano a posição de Vieira como orador e a sua contribuição à vida literária para realçar o papel na vida pública, o que permite ratificar que ao historiador interessam particularmente alguns temas, como a questão indígena, e que a valoração de alguns homens se pauta pelo papel de atuação nessa direção.

Juízo interessante também dispensa a Eusébio de Matos e Gregório de Matos. Na sua opinião, o primeiro, mais sério e mais pensador do que seu irmão, adquiriu fama nos sermões. Gregório, célebre como poeta, e mais popular, “ainda que menos apreciado pelo público”,¹⁹ como ele registra, compunha algumas quadras, dando como exemplo as escritas à despedida da Universidade de Coimbra. A diferença entre os dois também é visível no espaço que lhes dedica o historiador: enquanto sobre Eusébio escreve dois parágrafos, a Gregório excede-se em páginas, incluindo dados de sua vida pessoal e política e insistindo na sua fama como letrado. Ao lado desses, outros autores merecem referências na história de Perié: Bernardo Vieira Ravasco, Manuel Botelho de Oliveira, João Mendes da Silva, pai do Judeu, Nuno Marques Pereira.

Ao transpor o século XVIII, que caracteriza

como um século soberano na humanidade, pela declaração da liberdade na França, Perié novamente retoma a relação da literatura com os acontecimentos históricos, anotando o desenvolvimento da Bahia e a criação da Academia Brasileira dos Esquecidos, agremiação que congregou um elenco mais amplo de escritores. No rol de autores desse período, destaca João de Brito Lima, poeta popular; Gonçalo Soares Franca, com um poema à morte de D. Pedro II, de Portugal; os irmãos Lourenço e Alexandre de Gusmão, a quem não credita reputação nas letras, mas como inventores e estadistas; Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, referido como o autor de *Eustáquidos*, poema encontrado por Varnhagen e ainda inédito; Antônio José da Silva, primeiro autor dramático do Brasil, e dos mais originais da literatura portuguesa, merecedor de longos comentários sobre sua vida pessoal e citação de fragmentos de sua obra.

Entre escritores e obras que transformam esse século, reputa como “um acontecimento literário transcendentalíssimo”²⁰ a publicação da primeira *História do Brasil*, de Rocha Pita, assim identificada por Perié. *A História da América portuguesa*, em que pese a carência de crítica e análise filosófica, sobressai pela heterogeneidade de materiais e a ortodoxia do autor, que apresenta num estilo poético e florido, imagens e descrições decorativas, revelando a verdadeira face da pátria. Neste juízo, Perié dialoga com o texto do Cônego Fernandes Pinheiro sobre o historiador brasileiro, confirmando duas características que vêm marcando a história desse estrangeiro: a atualização e o conhecimento de que dispõe sobre a crítica brasileira sua contemporânea e a tendência nacionalista que imprime ao livro. Por essa razão, valoriza Rocha Pita, porque, para a época, sua obra apresentava o Brasil ao mundo civilizado, com a exclamação: “Este é o Brasil! Esta é a minha pátria!”²¹

¹⁸ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 142.

¹⁹ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 146.

²⁰ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 168.

²¹ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884, p. 170.

A inclinação nacionalista da obra toma contornos ainda mais definidos no quinto capítulo, quando o autor focaliza o período histórico correspondente à segunda metade do século XVIII. Ao descrever o momento literário aí situado, enfatiza novamente a importância do contexto cultural no desenvolvimento das letras. A fase de progresso, propiciada pelo governo da Metrópole, permite a expansão do tom de nativismo, nacionalidade e independência das manifestações culturais, comprovada pela criação de academias e agremiações literárias na colônia. Essa fase marca, segundo Perié, o início da terceira fase da literatura brasileira, sem que antes houvesse mencionado expressamente as duas etapas anteriores. O destaque, agora, é compreensível: como Perié analisa a relação literatura e contexto de sua produção, procurando valorizar as manifestações de caráter nacional, fica evidente que o século XVIII inaugura uma nova fase, com a expansão dos negócios nas minas de ouro e a política do Marquês de Pombal.

Dois poetas são representativos da nova etapa, porque preenchem os pressupostos com que orienta a sua história da literatura: José Basílio da Gama, autor de *O Uruguai*, reconhecido como "personificação da epopeia brasileira",²² e José de Santa Rita Durão, que, com o *Caramuru*, apresentou um poema essencialmente patriótico, embora menos épico que Basílio. A análise de Perié demonstra para onde converge seu olhar ao destacar as duas obras: a descrição das cenas americanas, a ambientação natural e a luta dos índios contra os colonizadores. Entre as longas transcrições dos dois poemas, inclui uma referência a Antônio Caetano de Almeida, irmão de Basílio. A menção ao nome desse serve para estabelecer uma decisiva comparação entre os dois: enquanto Caetano é autor de poemas

arcádicos, seu irmão, ao contrário, é "um gênio fora dos moldes comuns",²³ ratificando Perié a posição de supremacia atribuída ao autor de *O Uruguai*, seguindo uma linha manifestada pela crítica romântica anterior a ele: Em vez de se guiar pela forma rotineira da época, e de inspirar-se "em acontecimentos fabulosos cheios de alegorias mitológicas, buscou por quadro a sua pátria".²⁴

Privilegiando a epopeia sobre outras formas poéticas, para nela destacar o caráter nacional dos versos, o autor parece dar-se conta de sua preferência e abre o sexto capítulo de sua obra com uma interrogação: "Que direção tomara nesse tempo a poesia lírica?"²⁵ A resposta reporta-o aos autores da denominada "Escola de Minas", que juntamente com os épicos, compunham o coro de liberdade das nações americanas. Lugar de destaque atribui à poesia de Cláudio Manuel da Costa, com a *Fábula do Ribeirão do Carmo*, em cujas descrições mostra-se "verdadeiramente brasileiro"²⁶ e à pessoa do poeta, por sua participação na Inconfidência Mineira. O interesse de Perié pelo movimento motiva-o a abandonar o campo da literatura para recuperar o panorama histórico do levante, apontando diferenças entre o contexto brasileiro, revolucionário, e o ambiente nas colônias espanholas, seguidoras obedientes da Coroa de Espanha.

Perié valoriza o levante de Minas Gerais como um foco irradiador dos princípios de liberdade que grassam pela América, desde o Mississipi até o Atlântico, e atribui aos seus mentores e participantes o pioneirismo nas manifestações autônomas em prol da independência das colônias. Associando, mais uma vez, o contexto político à produção cultural, credita aos inconfidentes a função de eclodirem o espírito de nacionalidade na literatura brasileira.

O interesse pela causa da independência e o conhecimento dos ideais da Inconfidência leva Perié a citar os demais representantes literários

²² PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 197.

²³ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 198.

²⁴ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 186.

²⁵ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 209.

²⁶ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 211.

da época, associando à produção poética os fatos pessoais de sua atuação como inconfidentes. Depois de Cláudio Manuel, menciona Tomás Antônio Gonzaga, um dos poetas mais populares, pelas traduções de seus poemas em vários idiomas; Manuel Inácio da Silva Alvarenga, mais patriótico do que Gonzaga, por ter imprimido a seus versos o "sabor americano"²⁷; Inácio Alvarenga Peixoto, do qual destaca a *Ode à D. Maria I*, cheia de nacionalismo e um elenco de nomes menos importantes, integrantes da Escola Mineira e da Arcádia Ultramarina. O entusiasmo com que Perié trata dos novos tempos de liberdade, registrados ao final do século XVIII, contrasta com o descrédito com que abre o sétimo capítulo, ao abordar o espírito de resistência de Portugal, sob o jugo da Inquisição, às inovações da civilização. A constatação objetiva registrar o retrocesso que a vida literária sofre, pelo impedimento da introdução da imprensa no Brasil e as consequências que o fato acarreta no ambiente cultural: a impossibilidade da edição de livros e a perda de inúmeras produções brasileiras, em virtude das "ideias tacanhas do governo da metrópole".²⁸ A crítica dirigida ao governo português Perié expande também ao espanhol, responsabilizando-os pela fase retrógrada por que passam as colônias, sob o influxo negativo das ideias metropolitanas.

Entretanto, como sua obra visa à coleta e à crítica dos escritores brasileiros do período colonial, dá prosseguimento ao trabalho, citando um conjunto de três poetas cristãos e suas relações com a Inquisição: Antônio Pereira Sousa Caldas, Frei Francisco de São Carlos e José Elói Otoni. São suas obras que preenchem o período dos anos iniciais do século XIX, até o aparecimento de dois nomes mais importantes, que fecham o ciclo colonial: José Bonifácio de Andrada e Silva e Hipólito José da Costa.

Ao mencionar o primeiro, cujo nome "enche por si só um período",²⁹ Perié parece concordar

pela primeira vez com Varnhagen, que concede ao patriarca da Independência uma posição singular na história brasileira, e justifica que, pela sua importância, será objeto de estudo no segundo volume da *História colonial*, reafirmando, novamente, seu propósito de dar continuidade a um projeto mais amplo sobre a literatura do Brasil. É, contudo, ao segundo que dedica sua atenção e elogios. As relações do jornalista brasileiro com o contexto de sua época, a prisão em Portugal por ordens da Inquisição, a fuga do cárcere com o auxílio da Maçonaria e a fundação, em Londres, de um jornal brasileiro em oposição ao governo imperial, tornam Hipólito da Costa uma figura proeminente aos olhos de Perié e responsável pela retomada da vida literária brasileira. A aparição do *Correio Brasiliense*, em Londres, em 1809, encerra, para o autor da *História da literatura nos tempos coloniais*, o período da literatura colonial e inaugura o ciclo do Império, pela retomada da discussão das questões nacionais e pelo desenvolvimento da cultura, através da imprensa.

Considerações finais

Ao concluir a escrita da história da literatura brasileira, Eduardo Perié deixa a lição de que a literatura de um povo deve ser analisada em função das condicionantes de ordem histórica e cultural que singularizam esse povo, em direção a sua autonomia e liberdade. Perié não perde de vista que a história das Américas, seja ela a portuguesa ou a espanhola, com a qual dialoga todo o tempo de escrita de seu texto, pode ser lida e analisada como a história dos povos americanos em busca da liberdade e da emancipação. Nesse caminho, interessa-lhe particularmente o contexto vivenciado pelo Brasil na sua trajetória para definição como nação, reconhecendo autores e obras que podem ajudar a compor o perfil diferenciado do povo brasileiro em relação ao português. Desse pressuposto, advém uma

²⁷ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 227.

²⁸ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 261.

²⁹ PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 287.

característica importante na escrita da história da literatura do período colonial, indicativa de que os pressupostos utilizados pelo argentino se coadunam com a crítica romântica brasileira, já não mais vigente. Para Perié, a história da literatura do Brasil enceta uma direção nacionalista, marcada desde suas primeiras páginas, quando propõe a aceitação e o reconhecimento dos índios como primeiros produtores culturais. A marca nacionalista que deseja imprimir à literatura leva-o a se associar aos defensores indigenistas e a consagrar o elemento nativo como o diferenciador da literatura colonial da sua matriz metropolitana.

É compreensível por que, nesse caso, Perié valoriza os autores e as obras nas quais observa o tom nacionalista, como também é coerente o alargamento que promove em sua pesquisa para além dos limites do puramente literário, para abarcar nomes de ensaístas, cronistas, historiadores, jornalistas e oradores, desde que integrados ao projeto de construção da nação ou que manifestem sentimentos de nativismo ou apego à terra, em fases do passado colonial.

As tendências mais nítidas de sua avaliação das obras e autores igualmente confirmam o desejo de lhes acentuar essa marca. Por isso, sem desconsiderar as regras clássicas de feitura do poema ou a forma canônica de elaboração de uma epopéia, valoriza sobretudo na literatura a manifestação da terra americana, entendida como a tematização da natureza, da história, dos elementos naturais e do homem brasileiro. É significativa a anotação que realiza da produção literária do Rio Grande do Sul, por exemplo, ainda que o fato se justifique pela proximidade que mantém com o espaço de sua vivência, como também é importante o papel que atribui aos representantes da Escola Mineira pela deflagração do sentimento nacionalista na literatura. Retirando dos autores mineiros o rótulo de árcades, Perié omite o compromisso desses poetas para com uma fórmula poética ultrapassada, para apontar neles o caráter renovador que são capazes de imprimir ao fazer literário.

A sua versão de história da literatura não se limita a apenas entrelaçar História e Literatura, mas se expande para recuperar a localização espaço-temporal do texto e de seu autor, e a narração dos fatos biográficos que constituem a vida de cada escritor e de sua obra, para mostrar sua ligação à terra e às questões de liberdade e autonomia da colônia. A fim de cumprir com seu propósito, o de escrever uma história da literatura comprometida com o signo da liberdade e da nacionalidade, Perié não teme criticar seus pares historiadores, como Garrett, Varnhagen ou Wolf. Se Garrett, já distanciado no tempo, pode ser reavaliado, a crítica sobre os demais recebe outro peso, porque Perié, um estrangeiro, ousa apontar erros de juízo em representantes sólidos da cultura nacional. Talvez seja justamente o distanciamento espacial que lhe permita insurgir-se contra, por exemplo, Varnhagen, já considerado, na época, o pai da historiografia nacional. Perié cita preferências, opõe-se a juízos já consagrados e emite opiniões que podem provocar celeumas, para defender a posição de que literatura e vida cultural não estão dissociadas, mas se influenciam mutuamente.³⁰

A história da literatura de Eduardo Perié também pode ser analisada sob outra ótica: o olhar do estrangeiro sobre a produção literária brasileira, que pode se situar junto a tantas outras iniciativas similares, anteriores e posteriores. Não se pode desconsiderar que o grupo de estrangeiros que se interessam pela escrita da história da literatura brasileira é significativo, se se toma por referência o período que vai de 1805 a 1885, isto é, de Bouterwek a Perié, e que essas propostas superam numericamente as de escrita dessa mesma história por parte dos brasileiros. Convivem aqui, portanto, dois tipos de discursos: o proferido pelos estrangeiros, que veem o fenômeno literário como o "outro, o "diferente", quando comparado a espaços culturais dos quais são originários, e a avaliação que é feita pelos próprios brasileiros. Entre os primeiros, em princípio, domina o paradigma metropoliti-

³⁰ É com esse paradigma que valoriza o trabalho de Silvio Romero, em *Cantos populares do Brasil*, por ter recolhido quadras e outras composições ibéricas, muito populares entre os brasileiros. PERIÉ, Eduardo. Ao leitor. In: PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1884. p. 99.

tano como termo de comparação. Isso permite reconhecer que, em seu processo de formação, a ideia de nacional necessita levar em conta a contribuição que vem de fora, porque seu olhar compõe e recompõe aquilo que se entende por nação. Em outras palavras, a nação se molda a partir dos discursos construídos pelos próprios e pelos estrangeiros. Ao projetar a escritura literária, esses historiadores colaboram para fortalecer a ideia de que a edificação da nacionalidade pode ser postergada. E aqui reside a questão mais complexa para analisar o conjunto dos estudos sobre o tema, na qual se inserem as vozes dos historiadores estrangeiros. Entre eles, Eduardo Perié encontrou seu lugar, não fundamental, mas também não desprezível, uma vez que os efeitos de sua obra não parecem haver incidido sobre o debate em seu tempo.

Ao final, resta pensar que foram os estrangeiros que contribuíram para organizar a história da literatura do Brasil – e de sua literatura – pois entenderam suas particularidades culturais e literárias, definiram rumos para sua produção, valorizaram autores e obras, mas, em especial, foram os primeiros intérpretes desse “país abençoado por Deus e bonito por natureza”,³¹ como diz a canção popular.

Referências

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso brasileiro*, ou Coleção das melhores poesias do Brasil, tanto inéditas como já impressas. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Nacional, 1829-1831. 2 v.

GARRETT, Almeida. *Parnaso lusitano*, ou Poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos, ilustradas com notas. In: GARRETT, Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, 1906.

PERIÉ, Eduardo. *A literatura brasileira nos tempos coloniais - do século XVI ao começo do XIX*. Esboço histórico seguido de uma bibliografia e trechos dos poetas e prosadores daquele período que fundaram no Brasil a cultura da língua portuguesa. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1885.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Meandro poético* coordenado e enriquecido com esboços biográficos e numerosas notas históricas, mitológicas e geográficas. Rio de Janeiro: Garnier, 1864.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro ou Seleção de poesia dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843-1848. 2 v.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira ou Coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muito deles, precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. São Paulo: Nacional, 1955.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

Maria Eunice Moreira

Professora titular da Escola de Humanidades - Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tem graduação em Letras e graduação em Ciências Jurídicas e Sociais. Curso Especialização em Teoria Literária na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977); Mestrado em Linguística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1979) e doutorado em Linguística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989). Tem também Especialização em Língua e Literatura Espanhola pelo Instituto de Cooperación Iberoamericana (1983). Realizou estágio pós-doutoral na Fundação Biblioteca Nacional de Lisboa (2001), com bolsa da CAPES. Foi diretora da Faculdade de Letras da PUCRS (2004-2012), diretora de Coordenação Stricto Sensu na PUCRS (2012-2014), editora da revista binacional Navegações - Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, juntamente com Vania Pinheiro Chaves, da Universidade de Lisboa (2007-2018) e editora da revista Letras de Hoje, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS (2007-2019). É membro do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa (CLEPUL) das Universidades de Lisboa.

Endereço para correspondência

Maria Eunice Moreira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, RS, Brasil

³¹ BENJOR, Jorge. País tropical, 1969